

FERNANDO DOS SANTOS VARGAS

MEMORIAL DO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

MATINHOS

2021

FERNANDO DOS SANTOS VARGAS

MEMORIAL DO CURSO DE LICENCIATURA EM GEOGRAFIA

Trabalho apresentado como requisito final à obtenção do título de graduado em Licenciatura em Geografia, Setor Litoral, Universidade Federal do Paraná.

Orientadora Profa. Dra. Ângela Massumi Katuta

MATINHOS

2021

RESUMO

O presente trabalho parte do pressuposto de que o aprendizado é um processo de construção coletiva, em que educadores e educandos são responsáveis pela fala e escuta. Entende-se também que os encontros na turma do curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Paraná Setor Litoral, é um dos alicerces para a caminhada em novos desafios na área da educação brasileira, em que são predominantes formas de ensino tradicionais. Os encontros são pontos de diálogos, apresentações, reflexões, pesquisas e outras formas de educar e aprender. O memorial que sistematizei mostra um pouco dos conteúdos que foram assistidos e trabalhados, a partir do primeiro ano do curso em 2017, eles foram divididos em módulos: Fundamentos Teórico Práticos (FTP); Interações Culturais Humanísticas (ICHs) e Projeto Aprendizagem (PA). Em conjunto com os módulos obrigatórios do curso também fiz Iniciação Científica em Cartografia Social e Participativa. Também concluí a Especialização em Educação no Campo – Pensadores da Realidade Brasileira. Todas essas ações acadêmicas compõem um conjunto de troca informações e experiências indispensáveis para o futuro educador em Geografia. Os novos olhares sobre a compreensão dos modos de ser e estar no mundo me levaram a enxergar cores e a diversidade tão rica desse nosso planeta.

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO

1.1 OBJETIVOS

1.2 Objetivos gerais

1.3 Objetivos específicos

1.4 JUSTIFICATIVA

2 – VIDA DE EDUCADOR E EDUCANDO ACADÊMICO

3 – A GEOGRAFIA PARA MIM HOJE

4 – ATIVIDADES ACADÊMICAS

4.1 – FUNDAMENTOS TEÓRICO PRÁTICOS – FTPs

4.1.1 – INTERAÇÕES CULTURAIS HUMANÍSTICAS – ICH

4.1.2 – SAÍDAS DE CAMPO

4.2 – PROJETO APRENDIZAGEM – PA

5 – CONSIDERAÇÕES FINAIS

1 – INTRODUÇÃO

Pode-se encontrar hoje no meio acadêmico, diversas formas de avaliação e apresentação de um determinado trabalho, em nosso curso de Licenciatura em Geografia foi definido como forma de avaliação semestral o portfólio e como trabalho final o Memorial. Estes processos avaliativos, além do meio acadêmico, está presente nas mais diferentes profissões, como forma mais simples e organizada para apresentar o que foi compreendido dentro e fora dos encontros e ainda para relatar e registrar as transformações da formação em nossas vidas.

O processo de construção em busca de formar um coletivo é contínuo, pois a tarefa é árdua e diálogos são de extrema importância. O acreditar em realmente construir um coletivo impulsiona o grupo para uma caminhada cheia de novos desafios e que demanda compreender as nossas dificuldades e de quem está ao nosso lado. Nem sempre é tão simples quanto parece, ainda mais na conjuntura em que vivemos hoje. Pode-se notar que a caminhada é para frente, pois muitas barreiras entre educadores, educadoras e educandos já foram ultrapassadas, outras ainda estão por vir nessa nova etapa fora do curso. Seguimos na certeza que somos linha de frente de novos horizontes na educação. Sempre acreditando que se pode criar, da união, a solução. Sem dúvida já é possível enxergar fortes mudanças nas pessoas que participaram do curso, mesmo que algumas vezes não percebamos a mudança agindo em nós, pois as formas tradicionais de ensino e aprendizagem estão enraizadas dentro da maioria dos educadores e educandos, realçando a troca de experiências como algo fundamental para que essas raízes sejam renovadas.

O período histórico político que enfrentamos no Brasil tem grande relevância para a continuidade do curso. A conjuntura atual traz um discurso que ameaça o progresso do curso e de toda a educação superior no país, impulsionada pela pandemia causada pelo novo Covid-19 e suas variações. Os processos de contingenciamento de recursos financeiros já são realidade no Setor de Educação, o que influencia diretamente nas práticas de ensino e aprendizagem para todos os cursos ofertados. O período de Pandemia nos obrigou a trabalhar de maneira remota, ou seja, utilizando algumas estratégias do Ensino a Distância (EaD), o que estava praticamente em via contrária dos esforços pela educação que praticamos. Assim, tivemos novas pautas de debate para o coletivo, sendo importante uma ressignificação constante, a fim de atingir novas consciências e encaminhamentos.

Sabemos que o curso está apenas iniciando, somos a primeira turma e dificuldades novas virão, mas a vontade de que este seja histórico já grande. Assim como é histórico para muitos o período já experienciado até o momento. As novas descobertas no mundo acadêmico, outras pessoas no círculo de amizades, as viagens, os alimentos compartilhados, as sabedorias de vida, as histórias compartilhadas, fez deste grupo algo que realmente seja valorizado.

Deste processo de aprendizagem, além de novas amizades e sentimentos, também surgem novos questionamentos, trabalhos remotos, novas leituras de mundo, que trazem um novo olhar para tudo que está ao nosso redor, e também aquilo que está longe. As descobertas de autores, filmes, técnicas e sabedorias trazem possibilidades de trilhar outros caminhos, mas também, em conjunto, o questionar tudo isso e, principalmente, as bases e fundamentos para realizar esses questionamentos. O saber usar toda essa construção é outra forma a qual ainda estamos em busca do aprender para compartilhar.

1.1. OBJETIVOS

1.2. OBJETIVO GERAL:

Narrar vivências dentro do Curso de Licenciatura em Geografia da Universidade Federal do Paraná Setor Litoral, de forma que a perspectiva biográfica dialogue com a Geografia e a historiografia, com respeito à coletividade da turma de 2017.

1.3. OBJETIVOS ESPECÍFICOS:

Retomar as experiências de educando e educador dentro da Universidade Federal do Paraná Setor Litoral, e a prática do ensino de Geografia na Educação Escolar Indígena.

Auxiliar no processo de construção da memória do Curso de Licenciatura em Geografia.

1.4. JUSTIFICATIVA:

Acredito que em todas as áreas do processo de educação as experiências vividas e narradas por educandos e educadores têm um importante papel nos

processos de registro e investigação, para melhor compreender o que já temos como entendido e o que estamos procurando entender como educadores. Essas narrativas, quando registradas, podem dar início ao processo de conscientização pessoal e coletiva, o que facilita a prática de ensino, e também fornece um registro de nossa vivência em todo esse universo, para que possamos refletir cada vez mais sobre a grandeza de ser educador.

Como educador sei que a escrita é algo que faz parte de nosso cotidiano, em que temos como tarefas básicas de nosso trabalho os registros de atividades, os planejamentos, a elaboração de projetos, a execução de atividades e a realização de avaliações (VILLA, 2017). Acredito que os registros e a escrita podem ser mais aprofundados do que nossas tarefas cotidianas, uma vez que nosso processo no ensino e aprendizado se inicia na infância com a educação infantil, na adolescência com o ensino fundamental e médio e na juventude com a graduação. Mas também não necessariamente numa cronologia linear e regular, podendo envolver outras experiências em meio a este processo.

O que pretendo dizer com este trabalho, é que em muitas vezes nós enquanto educandos deixamos parte de nossas experiências e vivências de lado para dar lugar a materiais e reflexões que pouco nos envolvem. E que pouco fazem parte de nossa consciência histórica, fazendo-nos perder de algo tão preciso que é registrar nossa caminhada, nossos acertos, nossos erros em nossa vida profissional e também particular.

Sei que a maioria dos educadores de toda a América Latina, Pindorama ou Abya Yala¹, já trabalharam em mais de uma escola em sua carreira. Mas quantas vezes paramos para registrar, seja com escrita, fotografia ou filmagem, o espaço em que trabalhamos, as comunidades, as pessoas e como elas chegaram até aquele lugar, porque estão ali e toda a paisagem que as envolve? Tudo isso faz parte do como e com o que trabalhamos, para que possamos nos envolver em uma escola, também se faz necessário o envolvimento com todo seu espaço.

Os trabalhos que relatam histórias de vida - de diversas áreas e formas, individuais e coletivas -, vêm ganhando espaço em todo o continente nos últimos anos. Principalmente em áreas de ensino e educação que, a partir dos anos 1990,

¹ Pindorama ou Abya Yala, designações que vêm sendo usadas pelos povos originários em contraponto à denominação América, a qual possui uma origem etimológica desde a colonização espanhola.

começam a desenvolver novas metodologias pedagógicas (VILLA, 2017). Essas novas metodologias pedagógicas têm os registros dessas narrativas como algo de extremo valor para o avanço das práticas pedagógicas.

Vejo essa prática de registro de minhas experiências dentro da universidade pública como algo que possa favorecer novos educandos que estão iniciando ou já estão em prática com a educação. Cada educador possui um olhar, uma perspectiva sobre cada território em que trabalha e o que venho trazer aqui é minha experiência de educando e educador. Pretendo compartilhar uma parte de como foi iniciar os trabalhos na universidade, minhas dificuldades, meus aprendizados e também alguns projetos que ainda estão em atividade.

2 – VIDA DE EDUCADOR E EDUCANDO ACADÊMICO

Como educador desde o ano de 2012, sempre trabalhando e estudando as formas da Educação Escolar Indígena, aprendi que a vida e a rotina dos educadores não é algo simples de se viver, mas tem muitas gratificações nesse meio que acredito ser único.

As dificuldades da precariedade física e pós pandêmica que enfrentamos hoje nas escolas em nosso país é a primeira a tocar novos educadores na área, pois são chocantes as diferenças entre os ensinos privados e públicos. As estruturas físicas da maioria das escolas públicas em nosso estado (PR) são precárias, falta alimentação, tecnológicos, salas adequadas, bibliotecas, entre outros. Essas precariedades sempre acabam afetando as equipes pedagógicas que, muitas vezes, se limitam ao trabalho que pode ser executado. A proposta para uma educação que realmente valorize os educandos vem a partir de muito trabalho em equipe nas escolas. Algo que realmente me motiva a continuar lecionando e estudando para melhorar como educador.

A busca continua por novos olhares na educação me levou a continuar os estudos e iniciar uma nova jornada acadêmica. Agora na Geografia, disciplina a qual já havia trabalhado em alguns anos como educador e que sempre tive profundo interesse em melhorar os conhecimentos na área.

Observando a turma em que fiz parte na Universidade Federal do Paraná, consegui ver a apreensão de alguns educandos relacionada às dificuldades de ser educador na conjuntura atual, principalmente no tocante ao financeiro e aos rumos que está seguindo a educação, seus programas e políticas. Devo destacar que a educação no Estado Brasileiro sempre foi um desafio, desde seu princípio. Se analisarmos, desde as missões da Igreja Católica que iniciaram processos educativos para catequizar os povos indígenas, que aqui estavam desde antes da colonização, até a implementação da Educação Escolar Indígena nas aldeias, já temos material para rever muitos conceitos na educação brasileira. Porém, acredito que o maior investimento de tempo para melhoria na qualidade de vida do povo brasileiro é na educação pública de qualidade que, na perspectiva do oprimido é emancipatória.

Algumas atividades que exerço como educador se fundem com as de educando. O projeto de iniciação científica é exemplo, em que trabalhamos para

melhorar a comunicação entre universidade e escola. O trabalho é contínuo, exige diálogo, crítica e autocrítica.

O estágio supervisionado proporcionou uma nova experiência, a de rever metodologias de ensino. Rever essas metodologias me faz refletir sobre minhas práticas na escola, coisas que havia esquecido sua devida importância, pois a utilização repetitiva das metodologias, muitas vezes, leva a uma zona de conforto e relaxamento, com essas revisões é possível inova-las, tornando as práticas de ensino aprendizagem mais intensas e efetivas. Estar em sala de aula com professores de outras áreas da educação escolar também potencializa nosso interesse pela renovação do ensino.

A utilização do livro didático em sala é possível, após nossa revisão e planejamento, como me mostrou um dos professores que acompanhei nessas etapas de estágio que faz um resumo bem elaborado de partes dos textos, imagens e mapas do material didático e complementa com outros materiais que intensificam a reflexão dos alunos. Isso faz com que enfrentemos as imposições do estado de forma inteligente e responsável com o aprendizado dos educandos e educandas.

Na universidade trabalhamos em sala com práticas de ensino aprendizagem, com aulas e seminários em nossa turma, o que nos mostrou uma fonte riquíssima de materiais, imagens e mapas que podem ser usados em sala com educandos e educandas da educação básica.

A vida de educador em escola pública me fez ter experiências que poucas pessoas que trabalham e estudam em Universidades Públicas ou privadas possuem. Exemplos como ver a realidade de comunidades indígenas, de ter que ajudar mulheres a cuidar de seus filhos para poderem estudar, reformar casas para poder lecionar, eliminar pulgas, baratas e outras pragas para melhorar a qualidade do ambiente de estudo, pegar sarnas e piolhos de educandos, auxiliá-los em curas de doenças, bem como comemorar a entradas de alguns na universidade, são vivências que valem mais que qualquer valor econômico, bem como saber qual é o meu papel na escola e na universidade.

Poder compartilhar experiências vividas em sala como educador com os colegas que são futuros educadores é algo gratificante, pois pude auxiliar a desmistificar alguns mitos sobre a profissão e criar uma boa expectativa para a profissão. As trocas de experiências são, sem dúvida, algo a ser valorizado em nosso meio.

3 – A GEOGRAFIA PARA MIM HOJE

A geografia para mim hoje vem tomando ressignificações em todos os momentos de estudos e reflexões. Esse estudo permite observarmos as transformações do universo, do nosso planeta, dos seres vivos e não vivos e como sociedade e parte desse todo.

Poder dialogar sobre o assunto com educadores mais experientes tanto em espaços formais como em espaços informais traz novas perspectivas de espaço e mundo. O fato de estar sempre em contato com os assuntos como Geografia, Cosmografia, Cosmologia, Globalização, História e Educação em espaços de conversas com amigos e familiares faz com que se tornem comuns e nos deem mais confiança para falar sobre.

A profissão de educador, sendo essa trabalhada com várias disciplinas, torna-se mais agradável quando temos como base a geografia. Pois algumas técnicas da Geografia são facilitadoras para as outras. A leitura de mapas e a cartografia escolar, por exemplo, que ajuda em sala de aula na compreensão dos educandos. Os mapas facilitam o modo de ver o lugar em que estamos e, conseqüentemente, o que está ao seu redor. A prática no trabalho com mapas leva a novas possibilidades, como o auto-mapeando coletivo, que pode levar uma aula que muitas vezes era para ser simplesmente expositiva, a algo mais dinâmico e participativo.

Conhecer mais profundamente o trabalho de geógrafos como Milton Santos, Josué de Castro, Maria Inês Ladeira, Carlos Walter Porto Gonçalves e outros elevam o conhecimento e fortalecem a reflexão sobre o mundo dos povos originários e o mundo globalizado em que vivemos e suas formas de transformar os espaços. Elaborar aulas utilizando desses conhecimentos se torna uma tarefa mais complexa, porém, com mais densidade no assunto. Saber que devemos abordar as questões geográficas locais como exemplos para se utilizar com os educandos em aula é facilitar o envolvimento desses com a disciplina trabalhada. Utilizar recursos tecnológicos para as aulas também envolve mais a turma em sala, como usar computadores, mapas, câmeras, celulares e GPS. Saber usar as ferramentas do mundo globalizado a favor das áreas mais desfavorecidas é tornar o mundo mais acessível aos educandos.

Conhecer melhor a geografia agrária dos povos latino-americanos ou povos de Aby Ayala, como preferem serem chamados, também foi algo engrandecedor

tanto para a vida pessoal como para a profissional. Saber como os países vizinhos enfrentam as dificuldades do processo de globalização faz com que possamos trabalhar na mesma linha de luta por uma maior autonomia dos povos originários e tradicionais em nosso território. Saber como os povos da América latina/Aby Ayla se organizam em defesa de seus territórios, para lutar contra o Agronegócio, Econegócio, Hidronegócio e Minero negócio, é algo inspirador. Ver como trabalham com relação às mídias e os governos nos trazem formas de exemplificar processos educativos.

O pensamento Geográfico que tenho hoje se funde com todo o conhecimento que tenho como Historiador. No que diz respeito ao pensamento crítico, enfatizo a memória e os conceitos sobre ela que aprendi em minha primeira graduação. É muito importante salientar as construções e desconstruções que tenho em nível consciência histórica, pois somente com esta consigo elaborar novas narrativas sobre a Geografia e História.

Reconhecer a geografia sob outra faceta é essencial para continuar educando, renovando metodologias e diálogos na educação, seja ela urbana, do campo ou escolar indígena.

4 – ATIVIDADES ACADÊMICAS

As atividades acadêmicas frequentadas foram em módulos, sendo que nessa ultima etapa frequentamos esses de maneira remota via sala de reunião on-line. O Projeto Aprendizagem (PA), cujo tema e título foi Cartografia Social: Um olhar sobre a terra e território da Aldeia Araçaí. Muitos desses dias foram destinados aos módulos de Fundamentos Práticos Teóricos (FTP), PAs e ICHs alternados com palestras, simpósios e conferências.

Interessante observar o quanto essas palestras, que são alternadas com os dias de encontros de módulos, PA's e ICH's agregam às discussões e diálogos feitos em sala presenciais e on-line: as falas tomam formas diferentes ao serem ouvidas por pessoas diferentes em outros espaços. É muito importante para nossa vivência acadêmica e profissional ouvir e ver diferentes pontos de vista para, com isso, criarmos nossa própria visão e o que vamos buscar em nossos caminhos.

Importante lembrarmos que desde o início de 2019, as universidades públicas de todo território nacional vêm sofrendo ataques por parte do Governo atual. O contingenciamento de verbas para as universidades foi mais uma vez colocado para educação como algo prioritário para o governo, o que afetou diretamente diversos setores do ensino superior. Desde março de 2020 enfrentamos o combate a pandemia do Covid-19, ficamos praticamente esse ano todo debatendo como seriam feitas as aulas e aguardando posicionamentos para superar as dificuldades impostas pela pandemia e pela postura negacionista do governo federal. Em 2021 já estávamos praticando os últimos módulos do curso, com dificuldade de ser on-line e fazer cumprir o trabalho de um semestre em três meses.

Desde o primeiro ano os educandos da UFPR Setor Litoral organizaram movimentos em prol do ensino público, o que resultou em reuniões de organização e comissões de trabalho. Que mobilizaram assembleias estudantis, votamos em decidir a participação em paralização de nível nacional, e como as mesmas irão ocorrer. Também foram realizadas aulas públicas na praça central de Matinhos, que no dia 25/05 fui convidado pelo coletivo Mobiliza para ministrar uma aula em praça sobre o tema do encontro era *“porque estamos aqui hoje?”*. Fiz uma abordagem sobre o conceito de consciência histórica, descrito por Walter Benjamin, e narrativas para educação e ensino em história. Nesse segundo semestre de 2019, os estudantes que participam do coletivo de militantes em prol da educação pública, estive à frente da organização das assembleias.

Algo de muita importância nesse ano de 2019 foi a conclusão do curso de especialização em Educação do Campo e Realidade Brasileira a partir de seus Pensadores. O curso teve início em Julho de 2018, sendo realizadas quatro etapas presenciais, três delas no setor litoral da UFPR e na Escola Latino Americana de Agroecologia (ELAA) no assentamento do Contestado, no município da Lapa – PR. O Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) foi na forma de artigo, a defesa do artigo foi no dia 13 de outubro cujo título foi “*Vida e Experiências em Tempo e Espaço na Educação Escolar Indígena*”. Trata-se de um ensaio biográfico no qual apresento minha perspectiva de tempo e espaço vivenciados na comunidade Guarani M’bya Tekoá Araçaí, desde a primeira vez na comunidade, passando pelo período da graduação de Licenciatura em História, iniciação ao trabalho em Educação Escolar Indígena, erros e acertos, e até algumas orientações para novos educadores não indígenas que estão iniciando nessa modalidade de educação. A experiência nesse curso foi fundamental para refletir sobre as práticas no ensino aprendizagem, também para compartilhar com colegas educadores e receber muitos aprendizados.

Em 2019 também fui convidado para participar de uma mesa de debate na faculdade INSULPAR em Paranaguá, no dia 13 de novembro no Seminário da Diversidade Nheboete (respeito), para falar sobre Educação Escolar Indígena e como trabalhamos para o processo de autonomia com os povos indígenas na gestão escolar. Dividi o espaço com mais um homem e uma mulher Guarani M’bya, o Vilson Karaí e a Juliana Krexu e mais três mulheres não indígenas. Conseguimos transmitir aos educandos e educandas de pedagogia um pouco de nossas experiências e como é secular a lutas dos povos originários.

Outro trabalho importante envolvendo a academia foi a participação do coral de crianças e adolescentes da comunidade Tekoá Araçaí, Kunumengue Kuery Araçaí, no III Simpósio Nacional de Desenvolvimento Territorial Sustentável, que ocorreu no dia 08 de novembro de 2019. Para que parte da comunidade pudesse vir até o município de Matinhos, a organização começou algumas semanas antes, para pudéssemos organizar a viagens e algumas atividades para eles no local, bem como alimentação. Entre as atividades realizadas fizemos uma oficina de serigrafia em que eles fizeram o desenho que representa o coral e a comunidade. Apesar de muito trabalho para que se realizasse a apresentação e acolhimento do povo Guarani o processo ocorreu de forma positiva.

Em 2021 estive trabalhando para participar dos processos seletivos para mestrado. Participei do processo para o Mestrado em Ciências, Tecnologias e Sociedade do Instituto Federal de Paranaguá (IFPR) no qual fui aprovado e também participei para Geografia na Universidade Federal do Paraná em Curitiba em que fiquei apenas em lista de espera.

Essas atividades acadêmicas extracurriculares são complementos para nossas experiências, para aumentar nossa capacidade de conhecimento e crítica.

4.1 – FUNDAMENTOS PRÁTICOS TEÓRICOS – FTP`s

Os módulos de ensino aprendizagem, sempre foram realizados no modo de encontro com a turma. As metodologias variam de educador para educador ou, às vezes, educadores trabalham em conjunto por meio da docência compartilhada, o que enriquece muito mais os educandos, pois a troca de informação aumenta. Também são frequentes os encontros fora da sala e do plano do módulo, como abertura para assistir outros encontros ou palestras dentro e fora do setor da universidade.

Nos últimos períodos, os módulos foram feitos de maneira remota, via plataformas de reuniões on-line, o que exigiu mais de professores e educandos. O fato de ser uma metodologia que estava fora da proposta curricular do curso fez com que todos envolvidos tivessem que reaprender a participar dos encontros. Pode-se dizer que esse período pandêmico acelerou a implantação de aulas EaD's, e a adaptação a essa forma de ensino foi mais intensa. Sabemos que agora como educadores temos que estar sujeitos as transformações do mundo e nos adaptarmos para continuarmos ensinando e aprendendo.

De maneira remota ou presencial esses encontros sempre propuseram um ensino equilibrado entre as várias maneiras de estudar e produzir ciências, sempre com o foco no ensino e na educação. As discussões também abriram espaços para as pessoas falarem um pouco de suas origens e vidas em seus respectivos espaços, como por exemplo, minhas contribuições sobre o espaço escolar indígena, o colega Rodolfo sobre os espaços do povo Caiçara e a colega Emanuelle com as questões e a militância das pessoas com deficiências, isso potencializou e muito nosso aprendizado.

A vida prática nos sistemas de ensino básico de educação foi realizada no Colégio Estadual Sertãozinho na Avenida Curitiba, local de movimento de carros

mas em um bairro mais calmo, formado em sua maioria por moradores tradicionais e locais, também fiz o estágio no Colégio Estadual Gabriel de Lara, localizado no centro de Matinhos, fica próximo à praça central, atrás da Catedral da Igreja Católica, localidade de intenso movimento, pois fica próxima aos bancos e aos comércios. A paisagem em que estão localizados esses colégios é de poucas árvores e muitas ruas movimentadas, vários prédios. As instalações dos colégios são marcadas por estruturas de um grande prédio, com uma quadra no centro do mesmo. Pude auxiliar alguns educandos em suas atividades, que também falaram um pouco sobre como era as práticas do professor e como achavam importante aprender os conteúdos de geografia. Pude presenciar aulas com duas turmas de 8º ano e outras duas de 9º ano e também com o ensino médio noturno.

Considero positiva a participação desses dias, me senti bem recebido por educadores e educandos, aprendi como ser educador em turmas bem cheias e aprendi que o uso repetido de livro didático não satisfaz a vontade de aprender de alguns educandos e educandas.

4.1.1 – ICH, INTERAÇÕES CULTURAIS HUMANÍSTICAS

No primeiro semestre de 2017, tive a oportunidade de participar pela primeira vez de um encontro de ICH, Interações Culturais Humanísticas, o que foi uma grande experiência na área na educação, pois a interação com pessoas de outros cursos, inclusive educadores, foi intensa e única.

A primeira ICH que participei foi de Territórios Quilombolas, em que vivenciei com orientação da educadora Ana Josefina Ferrari as lutas por reconhecimento de território dos povos remanescentes de quilombolas, bem como experimentamos a alimentação, vimos os modos de vida, os diferentes quilombos no Brasil, e como grande oportunidade fizemos trabalho de campo no Quilombo de Batuva em Guaraqueçaba. O que aprendi e vivi vai ser válido para toda a vida pessoal e profissional.

A segunda ICH foi em Cartografias Sociais e Participativas, com a educadora Ângela Massumi Katuta, em que discutimos sobre a relação de reconhecimento de territórios dos povos tradicionais brasileiros. Estudamos sobre o início da Nova Cartografia, que surgiu com as Quebradeiras de Coco Babaçu, sob a orientação do professor Alfredo Wagner Berno de Almeida. Essa ICH contribui para meu Projeto Aprendizagem e para o projeto de Iniciação Científica que participo.

No primeiro semestre de 2018, participei da ICH de Educação Popular e Gênero, com a orientação do educador Marcos Aurélio Zanlorenzi, na qual busquei participar para me inteirar mais sobre Educação Popular e sobre Gênero, pois quero sempre debater sobre esses assuntos para aumentar a prática no debate. Nos encontros discutimos mais sobre as questões de gênero, o que realmente atendeu minhas expectativas também fizemos participações em encontros de outras ICH's, bem como uma saída de campo, em que nos encontramos com um grupo de capoeira em Guaratuba, algo muito produtivo, fizemos conversas entre os grupos e participamos da roda de capoeira.

O segundo semestre de 2018, realizei a ICH de Rádio Livre, com a orientação do educador André Essenfelder Borges. Os encontros foram cheios de diálogos livres em que alguns participantes trouxeram experiências com diversos tipos de mídias como rádios, músicas, mídias on-line, livros e outras. Pude levar o período em que participei da construção da Rádio Gralha, que esteve no ar via ondas de rádio no período de 2013 até 2015, no prédio do DCE na UFPR Curitiba. A oportunidade foi boa para relembrar o trabalho feito com mídias livres, bem como a construção do “Manifesto Gralhofônico”, estatuto que organiza ações e limites para este tipo de trabalho. Ainda tivemos a oportunidade de conhecer e escutar o trabalho de rádio realizado na UFPR Litoral, gravações recheadas de informações e formas criativas de fazer programações para rádio.

Na minha 5ª ICH decidi fazer algo um pouco diferente mas que já participei no decorrer de minha vida, que é fazer bioconstruções. Começamos os encontros em um grupo grande, e com grandes projetos, como o de construir um lugar fixo no campus, porém, em negociações com o diretor do setor não tivemos sucesso, fomos até outro espaço com o mesmo projeto, de construir uma casa de três cômodos com técnicas diferentes, como taipa de mão, super adobe e hiper adobe, porém, mais uma vez não tivemos sucesso, então decidimos em coletivo realizar a construção do nosso espaço para o Festival de Interações humanísticas o FICH, o era apenas uma cabana que misturasse a técnica de super adobe e taipa. Mas, como já estávamos no fim do mês de maio, sabíamos do risco em relação ao tempo pois teríamos apenas 5 encontros, iniciamos a obra, que ficou inacabada, porém, foi bem recebida no FICH, muitas pessoas vieram conversar sobre o espaço e suas técnicas, e também foi usado por outra turma de ICH, que o coloriu com panos de chita e muita alegria.

Também participei da ICH de Cine Conhecimento com o professor Serbena. Pudemos conhecer o início de técnicas de animação cinematográfica, como *stopmotion*. Assistimos alguns filmes, desde curtas, médias e longas metragens. Um dos filmes que mais me chamou a atenção foi *Uma história de Amor e Fúria*, que retrata com recortes históricos as lutas dos povos originários e tradicionais do Brasil na resistência pela terra e território, ótimo material para trabalhar em sala de aula com educandos do ensino básico de educação.

Nesses últimos períodos fiz uma ICH com o professor Evandro sobre História, essa já foi de maneira remota, porém, os encontros foram bem positivos fizemos até mesmo pesquisas em documentos históricos disponíveis em acervos on-line. Isso me trouxe um pouco de nostalgia devido minha primeira graduação em História.

A última ICH que participei foi de fundamentos e práticas de Yoga com a professora Ione e o professor Paulo. Foram praticadas apenas técnicas de respiração e meditação, chamadas Pranayamas isso me ajudou bastante, sempre tive gosto pela Yoga e então pude aprender um pouco mais sobre sua teoria e origem. Apesar de achar que iria aprender mais a prática mesmo considero boa minha participação nesse último ICH.

Essas atividades são algo que nunca cogitei fazer dentro de um curso de graduação, e realmente me fizeram aprimorar algumas reflexões. Creio que esse tipo de atividade seja sim um grande processo educativo, pois nos permite sair de um senso comum da educação superior.

4.1.2 – SAÍDAS DE CAMPO

Algo fundamental para compreender o que aprendemos em sala, foram as saídas de campo ou trabalhos de campo, como preferimos chamar na Geografia. Elas nos trazem a materialização da teoria que lemos, pesquisamos e discutimos, também nos trazem experiências únicas para toda a vida, como conhecer novos lugares e pessoas.

Nossas saídas de campo nos dois primeiros semestres do curso foram poucas e mais próximas a Matinhos, fomos aos Municípios do litoral paranaense, nos quais fazemos nossas pesquisas em grupos. Essas me trouxeram novas perspectivas desses lugares, pois, ligadas a conceitos da Geografia fazemos enxergamos coisas que já havíamos visto com olhar mais atento e crítico,

principalmente em relação a ocupação de espaços pela população e os empreendimentos privados, ou seja, à produção do espaço. Como foi o caso do trabalho de campo realizado em Paranaguá, em que pude ver o que são as desapropriações de moradores, forçados a sair de suas residências, seus lugares de moradias construídos com muito suor e trabalho, para que atenda às demandas de um mercado capitalista perverso. Em conversa com moradores e moradoras do lugar pude sentir um pouco da emoção e da tristeza que passam essas pessoas.

Os trabalhos de campo no primeiro semestre de 2018 foram muito marcantes. O trabalho realizado no município de Guaraqueçaba ofereceu muitas experiências boas. Primeiro porque, mesmo já tendo viajado para o município outras quatro vezes, pude rever lugares mas com outra perspectiva, ou seja, com o olhar territorial. Eu consegui ver mais a comunidade, espaços de uso de trabalho e territórios de conflitos. A interação com a turma da Licenciatura em Geografia de 2018 foi ótima, pessoas críticas, interessadas e divertidas, isso também aumentou as relações entre as duas turmas, o que aumenta nosso grupo de futuros professores de geografia pela UFPR Litoral.

Foi realizado o trabalho de campo para a comunidade remanescente Quilombola João Surá, no Município de Adrianópolis em que fomos até a Escola Estadual Diogo Ramos. Fomos recebidos pelo diretor da escola Cassius Cruz, que nos mostrou um pouco das estruturas físicas da escola e alguns projetos realizados por professores. A educadora Carla que é quilombola e moradora da comunidade foi quem nos mostrou o projeto da horta que foi apresentado pelos educandos. Pudemos realizar um dialogo de saberes com educadores e funcionários da escola, o que trouxe mais clareza do funcionamento e das dificuldades que enfrenta a escola e a educação diferenciada no Estado. Realizamos numa manhã uma conversa entre as turmas das licenciaturas em geografia e da educação do campo, discutindo sobre as dificuldades que enfrentamos como estudantes de curso em Licenciatura e de universidade federal. Pudemos realizar conversas em grupo sobre pautas específicas propostas pelos educadores, o que aumentou a troca de saberes e a interação entre os grupos.

O início do ano de 2019 foi bem frustrante em relação as saídas de campo, pois nossa turma não realizou nenhum trabalho de campo, apenas a turma de 2019 com trabalho na região de Matinhos e outros municípios próximos. A justificativa foi a

de que não estava sendo liberado transporte devido ao contingenciamento financeiro no setor.

A partir de março não tivemos mais as aulas presencias devido a pandemia do covid-19 e, conseqüentemente, os trabalhos de campo não foram feitos. A não realização de trabalhos de campo prejudica muito nossa aprendizagem, somos educandos de Geografia, precisamos conhecer na prática o espaço geográfico para ensinarmos com qualidade o que é Geografia.

4.2 – PROJETO APRENDIZAGEM

O meu Projeto Aprendizagem ou como chamamos o PA, se justifica com a necessidade de reconhecimento do território indígena da Aldeia Guarani M'bya Araçaí no município de Piraquara. O título do trabalho foi CARTOGRAFIA SOCIAL E PARTICIPATIVA: UM OLHAR SOBRE A TERRA E TERRITÓRIO NA ALDEIA ARAÇAÍ, pois o grande objetivo é atender as demandas da comunidade.

Trabalho como educador na Escola Estadual Indígena M'bya Arandú na Aldeia Araçaí desde 2012, e hoje atuo com turmas da EJA – Educação de Jovens e Adultos. Tenho sempre muito contato e responsabilidades com a comunidade que ultrapassam o campo profissional, o que me permite muitas conversas formais e informais com as pessoas. Em algumas dessas conversas, e estudos sobre os territórios indígenas no Brasil, pude junto com o Caíque da aldeia, Laércio da Silva compreender a necessidade de um automapeamento da comunidade Araçaí, devido aos estudos e mapeamentos realizados pela FUNAI (Fundação Nacional do Índio) e outros departamentos não satisfazerem as necessidades da aldeia.

Assim como todos os povos originários no Brasil, os Guarani enfrentam problemas para que o espaço em uso seja reconhecido, mesmo possuindo um Decreto de Lei Municipal, a aldeia não tem a posse legal da terra em nível federal, pois a homologação territorial ainda não foi concluída. Alguns estudos foram iniciados por meio da FUNAI, porém, as lideranças da comunidade são pouco informadas sobre o andamento do processo. O que traz muita insegurança sobre a conclusão do mesmo.

Por isso, em outubro de 2017, foram iniciados os trabalhos na comunidade Araçaí, em conjunto com o projeto de Iniciação Científica e Projeto de Extensão, coordenados pela educadora Ângela Massumi Katuta e o Marcos Aurélio Zanlorenzi. O primeiro dia de trabalho com a comunidade foi muito produtivo, conseguimos

realizar boas conversas sobre o assunto bem como elaborar mais da metade do croqui do mapeamento, e ainda fizemos boa interação entre o grupo de trabalho da UFPR Litoral e os indígenas da comunidade.

Foram realizados mais de 17 trabalhos e os resultados foram positivos e animam a continuidade da cartografia. Não consegui concluir totalmente a cartografia e o trabalho devido a pandemia, mas a partir do que conseguimos realizar foram produzidos artigos e até meu projeto de mestrado. Estamos na reta final dos trabalhos, apresentando agora para as pessoas da comunidade alguns resultados de narrativas transcritas que irão compor o fascículo cartográfico. Durante seis encontros participamos da oficina de QGis, que é um software livre com código fonte aberto, multiplataforma de sistema de informação geográfica (SIG). A oficina foi ministrada pela educadora Leticia Ayumi Duarte e seu companheiro Marcelo Varella, que possuem uma larga experiência na produção de cartografias sociais com povos originários e tradicionais do Paraná. O programa para compor o mapa é bem complexo, cheio de ferramentas e caminhos para a formatação. Também trabalhamos com programas de vetorização de imagens para a legenda, algo muito trabalhoso também e que ainda estamos em dialogo com a comunidade para definir as imagens de legendas. No último trabalho de campo no dia 27 de novembro de 2019 fizemos o trabalho de refazer alguns desenhos de legendas, e iniciamos a conversa sobre os depoimentos de cada participante Guarani, sobre a sua comunidade e o trabalho da cartografia. O mapa feito pelas crianças tem diferentes pontos de reconhecimento do espaço usado, diferentemente do mapa feito pelos adultos nos encontros anteriores. As crianças já concluíram o croqui, mas ainda não iniciamos a vetorização dos desenhos da legenda, sendo provável continuidade dos trabalhos para 2022.

Pude acompanhar o processo de georreferenciamento, ou seja, foram marcados os pontos com aparelho GPS, esse emprestado pelo Coletivo Encontra do Departamento Geografia da UFPR Curitiba.

Ainda faltam a definição de quais narrativas coletadas em reuniões com a comunidade, gravadas e transcritas que serão usadas para o fascículo.

A produção para esse módulo colocado pela mediadora Ângela Massumi Katuta foi um artigo sobre o projeto que até mesmo foi apresentado no Congresso Internacional dos Povos Indígenas da América Latina III CIPIAL.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

A vida profissional na educação escolar é repleta de experiências, em que continuamos aprendendo mesmo com nossos erros, por mais simples que sejam e se tornam um momento a mais para a formação de nossa consciência. Em minhas experiências individuais, percebi o quanto somos educados a partir de uma base educacional colonizadora e competitiva, de origem científica grega e romana, com forte influência da cultura europeia. Difícil, mas necessário, é o nosso desprendimento dessas bases.

Pude perceber nesse período maravilhoso que foi estar no curso de Geografia que para nos desprender da educação colonial e tradicional temos que estar em constante aprendizado, “a formação dos educadores tem que ser permanente” como disse o educador Zan em uma de suas aulas. Isso está em mim agora e pretendo levar ao máximo de tempo em minha carreira.

O curso me trouxe muitas reflexões boas e uma base para fazer críticas sobre as divergências nos espaços educativos, que são sempre presentes e o melhor a fazer é debater para poder supera-las.

Quero muito agradecer a todos os educadores e todas as educadoras que estiveram com nossa turma e comigo nesses cinco de ensino e aprendizado. Em especial agradeço os e as colegas de turma: conseguimos, apesar de tudo, criar algum tipo de laço de amizade em que alguns irão permanecer para sempre, outros não sabemos como serão os caminhos percorridos, mas sempre estarão em um bom lado da memória. Também agradeço minha companheira que sempre esteve em lado desde o início dessa minha etapa.

REFERÊNCIAS

ACOSTA, Alberto. **O bem viver**: uma oportunidade para imaginar outros mundos. São Paulo: Elefante, 2012.

BRASIL. **Referencial Curricular Nacional para as Escolas Indígenas**. Ministério da Educação e do Desporto. Secretaria de Educação Fundamental. Brasília, 1998.

LADEIRA, Maria Inês. **Espaço geográfico Guarani – Mbya**: significado, constituição e uso. São Paulo: Edusp; Maringá: Eduem, 2008.

LITTLE, Paul E. **Territórios sociais e povos tradicionais no Brasil**: por uma antropologia da territorialidade. Brasília: UNB, 2002.

OLIVEIRA, Melissa de. Nhanhmo'é: infância, educação e religião entre os Guarani de M'biguaçu, SC. In: MORETTI, CHERON ZANINI; ADANS, TELMO. **Pesquisa Participativa e Educação Popular**: epistemologias do sul. Educação e Realidade, Porto Alegre, v. 36, n. 2, p. 447-463, maio/ago. 2011. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/edu_realidade>. Acesso em: 20 de fevereiro de 2018. P 93–112.

PÉREZ, Oresta López. Otras voces, nuevas preguntas: historias de vida de maestros indígenas Teneeks y Nahuas de San Luis Potosí, México. In: REZ, Oresta López. **Educación rural en ibero américa**: experiencia histórica y construcción de sentido. Espanha: Anroart Ediciones, 2009. p. 53-66.

TASSINARI, Antonella Maria Imperatriz.; GRANDO, Beleni Saléte; ALBUQUERQUE, Marcos Alexandre dos Santos. **Educação indígena**: reflexões sobre noções nativas de infância, aprendizagem e escolarização. Editora da Universidade Federal de Santa Catarina – UFSC, Florianópolis, 2012.

VILLA, Alicia Inés. **Seminario: Narrativas docentes**: otras formas de documentar la experiencia. Universidade de La Plata. Faculdade de Humanidades y Ciencias de la Educación, FAHCE. Buenos Aires, Argentina: Ensenada, 2017.